

SALÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXIX SIC
**UFRGS**
PROPESQ



múltipla 
UNIVERSIDADE
inovadora  inspiradora

Evento	Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2017
Local	Campus do Vale
Título	Gabriela, Cravo & Canela - O Espírito Romântico e a Negação
Autor	ISMAEL CUNHA FREITAS
Orientador	ANTONIO MARCOS VIEIRA SANSEVERINO

Autor: Ismael C. Freitas¹

Orientador: Dr. Antônio Sanseverino

Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

GABRIELA, CRAVO & CANELA – ESPÍRITO ROMÂNTICO E NEGAÇÃO

RESUMO

O presente trabalho faz parte do projeto *A PROSA INTERROMPIDA: o problema da categoria do realismo em Machado de Assis*, onde pesquisamos a categoria do realismo na crítica literária. Em *Gabriela* (1958), Jorge Amado retorna ao tema do patriarcalismo para reformular sua contradição em relação ao mercado livre, reformula a abordagem sobre coronelismo presente em seus primeiros romances do ciclo do cacau. Mantém-se, no entanto, a tradição do grande latifundiário, com profundo vínculo com a escravidão, manifestada sobre os símbolos da violência, do arbítrio, do apadrinhamento e do servilismo das classes baixas a esses grandes proprietários. *Gabriela* vem, assim, para dissolver a tradição patriarcal, servindo como narrativa do progresso em São Jorge de Ilhéus. Trata-se da passagem do mundo patriarcal para o mercado livre. Nisso, o narrador coloca o idílio de Nacib e Gabriela no centro dessa transição, orbitados em uma constelação de outros acontecimentos referentes ao suposto progresso. A figura central do romance, Gabriela, apesar do protagonismo maior de Nacib, aparece não só como negação ao estado patriarcal, pela dissolução do casamento, mas também como negação ao mundo do capital. Nesse sentido, ao contrário do que comumente se tende a pensar, Gabriela é menos uma personagem realista do que uma figuração; uma personagem romântica, distanciada da sua relação com o realismo, como um símbolo, de novo, de negação do mundo do capital. A partir da personagem Gabriela, é possível analisar a negação tanto do patriarcalismo quanto da modernização conservadora, bem como a afirmação de uma liberdade afetiva e sexual (natural) que diluiria os conflitos dentro da elite e entre trabalhadores e proprietários. O sexo e a sexualidade, sobretudo, aparecem como resposta utópica ao patriarcalismo e ao mundo do capital. A presente pesquisa, portanto, tem como base a análise do realismo dentro da representação do cotidiano de Ilhéus, e de seus conflitos no embate entre a modernização liberal e a propriedade rural; e de como essa representação é posta em questão, sua seriedade choca-se com Gabriela, figura romântica de uma utópica cordialidade: sua presença medusante parece capaz de harmonizar as convivências conflitivas. As considerações de Conceição Evaristo sobre a representação da mulher negra na literatura ajudam a melhor compreender essa **figura**, Gabriela. A “mulata” de Jorge Amado torna-se uma **figuração** problemática dentro da obra: uma espécie de fetichismo envolve a personagem. Em certo sentido, esse **fetichismo** aumenta a complexidade da personagem como **figura “utópica”**, pois ela encobre uma violência – velada – para contrapor essa mesma violência. Como base teórica, são fundamentais Judith Butler e Michel Foucault, respectivamente autores de *Problemas de Gênero* e *História da Sexualidade*. No que tange às categoria de realismo e de figura, *Mimesis* e *Figura*, Erich Auerbach, são referências fundamentais.

PALAVRAS-CHAVE: fetichismo, Gabriela, Jorge Amado, patriarcalismo, sexualidade

¹Bolsista na modalidade BIC-UFRGS.